

# RECORDANDO MARTIM

LIVIO FRAGATA

Danilo Gomes

Faculdade de Direito — 4º ano

Primeiro de dezembro. O Major Fernão Lamego Castelões acordou nervoso — só conseguira dormir após horas e horas de insônia e inquietação. Doía-lhe o corpo. As fundas olheiras denunciavam o tormento de uma vigília que só a ante-aurora lograra lentamente extinguir. O sonho com o filho fora o epílogo daquela madrugada inundada de chuvas incessantes.

Respirou fundo o olor dos eucaliptos: um prazer reconfortante e quase luxurioso na manhã rural já sem chuva, mas fria e cortada de ventos.

Depois do café, ficou fazendo o seu primeiro cigarro na varanda. Picava o fumo úmido, a palha já dobrada entre os dedos. A testa enrugada: um feixe de linhas paralelas se encontrando num infinito de acres lembranças. Sim, a testa repuxada, como se estivesse muito concentrado no seu trabalho de artesão de longos cigarros de palha: é que sonhara novamente com aquela passagem da vida do filho e mais uma vez se indignava com a insensatez daqueles padres, — não, não era anti-clerical, ateu, agnóstico ou iconoclasta, fora criado na fé, mas não podia perdoar aqueles reverendos que permitiram a uma criança de dez anos a visão de um filme tétrico sobre a vida de João Batista Vianney, o Cura D'Arç, a quem o diabo aparecia e atormentava, num clima de terror.

Triturara o fumo com os dedos, pusera-o na palha, enrolara-a com grande habilidade, fizera correr um dos bordos da palha sobre a língua, fechara o cigarro quebrando uma das pontas, para, logo em seguida, atear fogo à ponta, com o gasto Ronson que Virgínia lhe dera anos atrás. Soprou a primeira baforada e ficou lembrando, com desgosto, aquele sonho, que era a reconstituição de uma realidade na breve vida de Martim.

Conduzido por um vento súbito, o precioso perfume dos eucaliptos, que chegou à varanda, era o mesmo que ele e Virgínia sentiram naquela tarde de setembro de 1953 (Martim morrera em dezembro daquele ano, durante as férias), quando foram ao colégio ver o filho e levar-lhe as coisas da fazenda, de que ele gostava especialmente: doce de leite picado, manteiga, cocadas pretas, pés-de-moleque, queijo, ovos, frango assado....

A figura de Martim, no perfume verde que o Major sorvia, pulsava no espírito e no coração desse velho solitário na sua cadeira de balanço: sim, Martim estava abatido, no seu uniforme que era uma farda de brim cáqui, com vários botões pretos no paletó, inclusive nos grandes bolsos e nos ombros... agastado, desolado, exalando um mau odor inconfundível, que os surpreendeu: seguiram os três para uns bancos que havia em baixo, à entrada do pomar, incontornavelmente proibido a todos os alunos: os caquis caíam, apodrecidos, as laranjas desabavam, carcomidas por pássaros invisíveis: sentaram-se para uma espécie de piquenique, afastados, envoltos pelo aroma do eucaliptal — um bosque semelhante ao da fazenda, onde agora ruminava o velho suas lembranças mais amargas.

Então Martim contou-lhes como fora aquilo. No domingo anterior, no teatro, que era também cinema improvisado, projetaram uma fita antiga sobre o Cura D'Ars. (Colocavam a tela momentos antes dos filmes, sempre velhos filmes de péssima imagem e pior som, como aquele sobre Cipião, o Africano, que projetaram em maio). Alunos menores, médios e maiores sustinham a respiração quando a voz ou a gargalhada

do diabo retumbava na sala escura do cinema: o silêncio, o pavor, a visão da luta entre o pároco e o demônio, as portas que batiam sozinhas, a heróica resistência do santo, a ventania espectral que zunia como se se arrojasse da tela para as janelas da grande sala escurecida: aquelas duas horas de terror para crianças de dez, onze anos, que depois iriam enfrentar um imenso dormitório penumbroso, e um banheiro, ao fundo, cuja luzinha alumiaava com uma debilidade de candeeiro...

Depois daquela sessão de tortura mental, as filas para os grandes dormitórios, para menores, médios e maiores, nas suas fardas de brim cáqui, soturnos, silenciosos..... sua bênção, Senhor Padre.....troco depressa o pijama, dou um pulo rápido ao banheiro.....as gargalhadas..... bbbrrr.....o vento.....Nossa Senhora, livrai-me de lembrar as risadas do diabo.....volto depressa para a cama, nem escovo os dentes.....ainda ouço a ventania infernal derrubando coisas na casa do Cura D'Ars, ainda ouço a voz Deus me livre, que tremendo medo.....as gargalhadas.....daqui a pouco o Assistente Campos apagará as luzes, cruz-credo!.....

(..... apenas uma luzinha mortíça restará, fantasmagórica, sobre o biombo do Assistente, um clérigo ríspido, magro, a voz esganiçada, que só prestigiava os atletas, tratando mal os incapazes para os esportes, como ele, Martim, péssimo até no pingue-pongue.....meteu-se rapidamente sob as cobertas, prendendo as bordas entre o colchão e as beiras da cama: o clérigo Campos percorria lentamente os espaços entre as camas dispostas paralelamente, os pequenos olhos míopes ariscos, vigilantes como hienas prontas para o bote mais certo.....)

.....fecho os olhos, procuro esquecer tudo, as gargalhadas horripilantes e os objetos que caíam sozinhos das mesas, das prateleiras, o riso que ressoa até agora, as palavras da tentação, as palavras da possessão, as palavras da danação.....minhas mãos estão suadas e minha testa e meu peito.....

(“Pela noite de 27 de dezembro de 1857, um coadjutor de São Pedro de Avinhão e a Superiora das Franciscanas de Orange acompanharam uma jovem professora que dava todos os sinais de possessão diabólica. O Arcebispo de Avinhão tinha estudado o caso e aconselhou que a apresentassem ao Padre Vianney. No dia seguinte.....”)

.....agora as luzes se apagaram, só resta a do Assistente, mortíça, no fundo deste imenso dormitório..... que medo, que medo do diabo, e se ele me aparecesse também? .....meu corpo treme, meus pés estão gelados e o suor escorre da minha testa, não posso sequer abrir os olhos..... minhas mãos estão paralizadas, não movo um dedo, de pavor, e a noite é longa, sim, e se eu não conseguir dormir?..... as gargalhadas.....daqui a pouco o Assistente estará dormindo.....esse vento agora é real, sim, sopra, uiva sobre os eucaliptos, é real, sim, como o do filme.....Afastai de mim esses pensamentos, meu Deus, minha Nossa Senhora... ..o vento, a voz nos confessionários.....

(.....as altas árvores se dobravam à força dos ventos fortes sobre o colégio adormecido entre os grilos neblinados, as horas montavam os cavalos sonolentos da madrugada, a insônia terrível de Martim Eiras Castelães sobre a cama empapada de suor: alguns roncões quebravam o silêncio madrugada, o sono não vinha para esse menino de dez anos enjaulado numa angústia além das suas forças: essa tortura que se prolongava além da sala da projeção, essa tortura impiedosa que começou a causar-lhe, horas depois, inquietante dor intestinal, aumentada na proporção do pulsante terror de seu espírito: uma intransponível necessidade de ir à instalação sanitária — e a certeza de que não iria: contorcia-se, suava um suor frio de moribundo.....o pavor, a instalação sanitária longe, muito longe, as gargalhadas, os intestinos revoltos, incontroláveis, a marcha agônica dos minutos.....)

(“Certa noite em que o Cura D’Ars procurava conciliar o sono, o inimigo apresentou-se, gritando “*Vianney, Vianney, tu não me escaparás!*” E o pobre Santo respondia do canto escuro onde estava sua cama: “Não tenho medo de ti”.....Em

1826, durante uma missão em Montmerle, produziram-se ruídos misteriosos na casa paroquial. Era o demônio que arrastava a cama do Cura D'Ars pelo meio do quarto onde ele dormia.”)

..... (....o medo de que sua cama fosse arrastada, o suor e o pânico: encolhia-se como um feto, os intestinos dilacerando-lhe o corpo todo e o esmagado espírito, véspera de uma explosão inevitável....) .....

.....meu Deus, minha Nossa Senhora, valei-me, se eu não sujar a cama rezarei um terço amanhã, farei uma novena de comunhões em intenção da graça, farei penitências, perdorei as ofensas e as humilhações.....não, à instalação não irei, lá pode estar o diabo a me esperar, não posso sequer abrir os olhos ou mover um dedo..... e agora não poderei evitar.....(sim, como se o diabo o esperasse na instalação sanitária, ou à beira da cama, olhando-o fixamente com os olhos em chama, como se risse, como se o vento nos eucaliptos fosse o mesmo vento sobre Ars).....minha Nossa Senhora, não agüentarei mais um segundo, valei-me, prometo-vos.....(o alívio fisiológico e, a seguir, o peso de uma imensurável vergonha, infinita dor moral, a absoluta impossibilidade da ida ao banheiro para um banho na água sempre, sempre fria dos chuveiros, o corpo paralizado, as gargalhadas labirínticas, as possessões diabólicas, a penumbra sinistra, o vento dominado por Lúcifer batendo nas janelas do dormitório, a cama imunda na noite terrível.....jamais soube a que altura da madrugada o sono raptou-o daquelas torturas.....na manhã seguinte, enrolou as roupas do corpo e da cama meteu-as sob o colchão, incapaz de enviar aquilo para a lavanderia, no saco de roupa suja com o seu nome e o número na etiqueta.....o mau cheiro se exalava pelas camas próximas e muitos colegas faziam troça, embora ignorando sua origem.....onde a coragem para enfrentar depois uma chuveirada fria na fria manhã?.....continuou sujo e conturbado por vários dias, evitando aglomerações, atônito, inseguro, receoso de que descobrissem tudo.....).

Ele e Virgínia é que levaram para a fazenda as deploráveis

roupas que testemunharam aquela noite tenebrosa do menino Martim, seu filho Martim, cujas noites de terror ainda se prolongariam: nunca mais se levantaria à noite para ir à instalação sanitária e passaria a ser dos primeiros a abrigar-se do pavor sob as cobertas, antes que as luzes se apagassem e trouxessem as sombras onde latejavam o mistério, o sobrenatural, o tétrico e a eternidade das penas.....

\* \* \*

O Major deu uma longa tragada e lembrou-se da fulminante crise de tifo que lhe levara o filho, esse filho que agora poderia estar a seu lado, comandando a fazenda, amparando sua velhice e solidão; esse filho como seria hoje, homem feito?; colocaria o braço sobre seus ombros cansados e contariam casos e ririam e viajariam juntos, sim, e Martim já poderia ter filhos que alegrassem a fazenda decadente..... Afugentou aquelas imagens, com o gesto de levantar-se e ir para a sala ouvir rádio, os olhos ardendo pelo efeito da fumaça, o rosto contraído pelo sofrimento, o rosto velho talhado por muitos golpes.

Naquele dia não almoçou normalmente: comeu apenas um pedaço de lingüiça magra e tomou um caneco de café com leite e brevidades. Sentia umas pontadas no coração, mal-estar, uma espécie de zonzeira. Hilária lhe trouxe um chá de erva forte. Passeou pelo monjolo e pelo moinho. Depois foi para a sala, ligou o rádio, cerrou o olhos. Chovia, relampejava. Às quatro da tarde, mandou chamar Cirilo Vasquim: pediu-lhe que arreasse Mossoró e fosse à Vila dizer a Modesto, o motorista profissional, que precisava do jipe para uma viagem a Áurea Serra no dia seguinte: que estivesse na fazenda por volta das onze horas, que viesse para almoçar. Pouco depois Cirilo cavalgava rumo à Vila. O Major chegou à varanda a tempo de ver o fiel empregado partindo, o filho de Hermínio Luzares abrindo a porteira para a passagem: a uma fulminante esporeada, o animal começou a trotar, solene, até que adquiriu embalo e a mancha branca de seu corpo foi sumindo entre os eucaliptos perto do pri-

meiro mata-burros: o Major ainda ficou muito tempo debruçado à varanda, a espaços sobressaltando-se pelo presentimento de que Virgínia estava a seu lado, supervisionando o movimento, dando instruções ou enlaçando-o com o braço para contemplarem juntos o início do crepúsculo sobre as serras.

Depois do banho e do jantar, o Major caminhou para a cadeira da mesinha do rádio, sentou-se, ligou o aparelho, fez o dial trazer-lhe a Rádio Inconfidência e ficou ouvindo anúncios (Virgínia só dizia reclames) sobre capas, galochas e guarda-chuvas, até que o acordeon iniciasse a rancheira triste que abria seu programa predileto, "A Hora do Fazendeiro". Uma de suas últimas alegrias: entregar-se àquele velho hábito. Terminado o programa, pôs-se a ouvir o noticiário, enquanto Hilária e a filha lhe preparavam a mala de viagem.

Ah, lembrar-se de Martim, esse filho que chegou tarde e se foi tão cedo: dor cortante, massacrante, opressora. Mesmo assim, sentiu um irresistível impulso de reler aquele "Caderno de Recordações", onde os colegas de Martim escreveram mensagens crivadas de erros sintáticos e léxicos — mensagens sinceras, conselheiras, mas de uma ingenuidade não raro seráfica e eivadas de um ardor religioso que talvez o mundo já tivesse corrompido ou mesmo totalmente extinguido.

O velho caminhou para o quarto onde ficava o baú de coisas do filho e retirou o "Caderno de Recordações", onde essa expressão estava escrita em letras bordadas a tinta, seguindo-se logo abaixo "Martim Eiras Castelães — n° 35 — Menores — Curso de Admissão — 1953"; havia também, na primeira página, um desenho do velho Colégio, feito a lápis. Seguiu para a varanda levando o caderno e uma mistura fustigante de saudade com esse sentimento de ternura que os adultos nutrem pelas coisas traçadas pela mão confiante da infância. Sentou-se na sua cadeira de balanço, cigarro aceso, e ficou relendo devagar aquelas páginas amareladas, já com alguns orifícios causados por cupins e onde as incorreções gramaticais e estilísticas destacavam-se, freqüentes, ostensivas:

"7-6-1953

Caro amigo

Saudações cordiais

Foi com grande prazer que recebi este lindo caderno de recordações para deixar gravada a nossa amizade. Martin desejo que você passe boas férias, e também que passe nas provas. Quando você estiver em sua casa e pegar este caderno de recordação para lembrar de seus amigos lembre de mim, você lembra quando nós encontramos la no Mundo Colegial? Quando você falar do Vasco lembre de seu amigo

José Roberto R. Moraes Junior".

\* \* \*

"Caro amigo Martin

Foi com grande prazer que recebi seu lindo caderno de recordação de suas próprias mãos para nele deixar gravada a nossa Amizade durante a nossa vida colegião e seremos Amigos ate o ultimo dia de nos encontrarmos.

Caro Amigo

Reze a Nossa Senhora Auxiliadora e Peça a ela para voce passar nos exames

Mas Lembre daquela Parabola que Jesus disse: Faça de sua parte que eu ti ajudarei da minha.

Termino esta com um forte abraço do Amigo José Lucas Peralva Quartim".

\* \* \*

"Caro Amigo Martin

Foi com grande prazer que recebi esse belo caderno de suas mãos para deixar gravado nele a nossa amizade.

Quando deichar essa vida colegial, fores homem não te esqueças de mim, quando olhar nesse caderno. Aquele grande

amigo seu, da sua mesma sala etc. Não só lembre de mim mas também deve lembrar da frase que Domingos Savio sempre dizia:

Antes a morte que pecar, cumprindo isso você terá uma vida feliz na terra e também uma eternidade feliz:

O PARAISO.

Márcio Flávio”.

• • •

“Prezado amigo

Imenso foi o prazer que tive ao receber este caderno para deixar nele as minhas impressões. Eu não podia deixar de escrever estas poucas linhas de amizade. Os exames estão aproximando, e só faltam 16 dias para as férias. Mas se você quiser sair feliz nos exames, seja piedoso para com os seus companheiros, e rezar muito para N. Senhora te ajude. Este é o meu conselho. E sede piedoso como você é durante toda a sua vida para ganhar o céu.

Com estas palavras despede seu amigo

Jovelino Fraga Trigelli”.

• • •

“Viva o Bem Aventurado Domingo Savio.

Caro amigo Martim

Foi com imenso prazer que recebi este belo caderno de recordações para nele deixar gravado o meus conselhos.

Embora eu não sou digno de dar o conselho.

1º Você deve frequentar os Santos Sacramentos.

2º Você deve emitir o Bem Aventurado Domingo Savio tanto na Piedade, no comportamento e nos estudos.

E estes são os meus simples conselhos do Amigo que muito o estima

Carlos Xavier Cintra.

Natalício: 14 de janeiro (1941)”

• • •

"19-6-53

Prezado amigo

É com grande prazer que dou início as estas pequenas linhas escritas.

Foi também porque deixo gravada a recordação do amigo que muito o estima.

Martim seja sempre caridoso para os pobres e também para com os seus pais sim.

Despede o amigo

Herculano Weissshell Nogueira".

\*\*\*

"Prezado Martim

É com satisfação que recebi de suas próprias mãos este belo caderno de recordações, para nele deixar gravadas a nossa amizade.

Dar-lhe-ei apenas dois conselhos, para que você pratique em toda a sua vida:

1) Honrrar Pai e Mãe.

Porque Jesus disse: quem ama seus pais devotamente terá vida longa sobre a terra.

2) Receber Jesus Sacramentado e viver sempre em estado de Graça.

Natalício: 3 de maio

Nome: Servulo Siqueira Campos Orban

12-6-53".

\*\*\*

"Caro colega Martim

Uma alegria tive ao receber este caderno para deixar gravada a ele uns simples conselho. Dei-me licença.

1º) Ser Devoto a Maria Auxiliadora

2º) Seguir sempre os conselhos de Domingo Savio que ira subir aos altares como um santo no dia 24 de julho de 1954, ano que vem.

3º) Tomar cuidado com as ferias que é a colheta do pecado isto disse o nosso grande santo educador D. Bosco. Eis o conselho de seu amigo José Manuel.

P.S. — Lembre sempre que eu não esquecerei que você me dá doces da fazenda do Sr. seu Pai e que deixa eu usar a manteiga que recebe sempre casa. Obrigado. O mesmo”.

\* \* \*

“Caro Amigo

Ê com grande prazer em que escrevo em teu lindo caderno de recordação para nele deixar gravadas não só a letra mas tambem a nossa amizade sincera.

Martim seja devoto de Maria Auxiliadora que com ela você saira bem nos exames.

Espero que um dia você passe a gostar de futebol e outros esportes, nas horas de recreio você só fica nos cantos e triste e esporte dá alegria e se você quiser eu lhe ensino ao menos volley.

Evandro.

Lembre-se o Atlético é o maior time mineiro.  
Data natalicia: 15 de maio.”

\* \* \*

“Caro amigo Martim Eiras:

Recebi de vossas maos este caderno para nele deixar gravadas as recordações minhas como prova de um bom amigo

Pêça a Deus que o ajude nas provas e também ajude todos os vossos.

Mando lhe junto deste um topazio muito bonito que encontrei perto da Cascata na última quinta feira e é como lembrança minha de amigo que senta no mesmo banco que você na capela.

Agora me despeso e pesso desculpa pela letra porque são vespersas de exames e você bem sabe que eu não sou uns dos mais adiantados.

Benito M. Serra Fonseca."

\* \* \*

"Caro Martim

Foi com grande prazer que recebi de suas mãos este lindo caderno de recordações. Sei que eu não vou ficar junto de voce por muito tempo mas quando olhares para este caderno lembre-se do colégio e de todos os alunos que escreveram neste lindo caderno, e quando tiveres tentação reze a São Domingos Savio que ele te ajudara. Sei que voce é piedoso pois vive lendo a História Sagrada ilustrada até nas horas de estudar outras materias. Eu tambem gosto e fiquei muito impressionado com o martírio dos Macabeus você lembra?

O amigo que o Estima

Felix.

Natalício: 20 maio."

\* \* \*

"Prezado colega

Grande foi o meu prazer em receber de vossas mãos este belo album com as impressões de seus bons companheiros, e pelo que vejo você anda em boas companhias.

Desejo que você saia bem nos exames, pois esforçando-se e tendo o temôr de Deus tudo se alcança.

Esforce nêstes ultimos dias para quando chegardes em casa os seus pais se verem desejosos de o ter em presença, e quando voltar para o colégio após ter passado boas ferias vir animado e estudar com vontade.

O meu conselho se resume em uma só frase "Tende sempre grande devoção a Maria, e triunfaras nos estudos e na vida".

Com um forte e estimado abraço se despede o colega que não o esquece,

Getúlio Sampaio Cunha de Lima.”

\* \* \*

O Major ainda ficou folheando aquele gasto testemunho de um tempo morto, místico e conflituoso: o último ano da vida de Martim: alguns colegas de seu filho coloriram certas palavras que julgaram devessem ser destacadas; outros, sublinharam os conselhos (todos estavam imersos na mística dos conselhos), também a lápis de cor; um deles desenhara duas pequenas flores azuis no canto esquerdo da página; outro pregara um efígie do Senhor crucificado; um outro, ao fim da mensagem, desenhara uma pomba amarela levando no bico um cartão com seu próprio nome e endereço, precedidos de “Exmo. Sr.” Quase todos registraram seus endereços: Rua tal, número tal, Coronel Fabriciano, Ponte Nova, Belo Horizonte, Astolfo Dutra, Ouro Preto, Cachoeira do Campo, Pompéu, Teófilo Otoni, Cuiabá, Lorena, Matozinhos, Salvador, Manaus, São João del Rei... Nas últimas páginas, pregados a fita durex e goma arábica, efígies de Santos, estampas dos três pastorzinhos de Fátima, fotos antigas, reproduzidas de revistas, do Catequista Geral da Congregação, do Padre Inspetor, de Pio XII...

E, com o mesmo andar lento com que buscara o caderno para uma cruciante peregrinação pelo passado, foi levá-lo de volta ao baú: os olhos ardiavam no sal das lágrimas.

Em seguida, tomou outro café, como sempre muito forte, voltou à varanda, sentou-se, pôs-se a preparar outro cigarro: lazer de fim de vida. Rãs, grilos e espaçados mugidos na fria noite sem lua. O velho suspirou fundo e acendeu o cigarro.

O odor dos eucaliptos penetrou no casarão, tangido pelo vento, que o velho aspirava com certa volúpia, certo de que era aquele um dos últimos prazeres que lhe restavam neste mar tormentório.

O velho ouviu o trovão. “Mais chuva”, pensou. E soltou outra baforada.